

ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES: A ESCRITA SOB O OLHAR DO ALUNO DE ENSINO MÉDIO

ADILSON RIBEIRO DE OLIVEIRA (IFET-MG/PUC-MG).

Resumo

Partindo da hipótese de que o estudo das representações possibilitaria um meio para se apreender (e, dessa forma, entender) o modo como são interiorizadas pelos estudantes as formas de uso e de transmissão da escrita, considerada como artefato simbólico de construção e de socialização de conhecimentos de naturezas diversas, e de que as representações seriam elemento constitutivo de competências no campo da didática da escrita, procuro investigar como e em que medida as representações sobre a leitura e a produção de textos perpassam o discurso dos aprendizes. Tendo por base uma abordagem sociointeracionista, o objetivo deste trabalho, portanto, centra-se em uma reflexão que pretende esboçar as representações associadas à escrita que atravessam o discurso dos alunos, uma questão certamente essencial para os estudos em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de caráter qualitativo e interpretativista, em que tomo, como unidade de análise, a materialidade discursiva da enunciação, recorrendo a um corpus constituído por 50 textos escritos, produzidos por alunos da terceira série do ensino médio de uma escola pública, em que eles se expressam sobre a função da leitura e da produção de textos em suas vidas. Para balizar essa análise, ainda recorro a dados coletados em um questionário sócio-econômico-cultural aplicado a esses sujeitos, em que se exploram práticas de leitura e de produção de textos.

Palavras-chave:

Letramento, Práticas, Representações.

Considerações iniciais

Não é demais (re)afirmar a importância que a prática da escrita ocupa nas sociedades modernas e o fato de que, sendo um artefato simbólico de construção, manipulação e desenvolvimento de conhecimentos de naturezas as mais diversificadas, tornou-se indispensável à própria sobrevivência do homem em sociedade, haja vista sua generalização para além dos trabalhos escolares ou eruditos, sendo também utilizada para o gerenciamento da vida pessoal e profissional, por exemplo.

Essa constatação, aliada ao fato de que a escola pode ser considerada como instituição promotora de práticas de letramento por excelência, obviamente nos leva a refletir sobre os impactos das práticas sociais de uso da escrita - leitura e produção de textos - e sobre estes, como seria de se esperar, e as suas relações com as representações que se constroem em torno das funções que a ela são atribuídas, especialmente aquelas construídas no âmbito escolar. Isso porque, sendo a escola o local privilegiado de ensino e de aprendizagem dos modos de apropriação e domínio desse artefato simbólico, ela não pode estar à mercê das representações que aí são construídas e cristalizadas. Assim pensando, trata-se, aqui, de refletir acerca de como e em que medida as representações sobre o que

seja ler e escrever vão sendo consolidadas no discurso dos aprendizes, o que certamente interfere nos processos de ensino e aprendizagem e que, via de regra, traz consequências relevantes para o sucesso ou fracasso escolar.

Nesse quadro, o que pretendo neste trabalho é uma investigação exploratória que visa, em primeira instância, à descrição e à análise das representações de alunos de ensino médio sobre a função da leitura e da escrita em suas vidas. Para alcançar esse objetivo, tomo, como unidade de análise, a materialidade discursiva da enunciação, resultante de 50 textos produzidos por 50 alunos do ensino técnico de nível médio de uma escola pública do interior de Minas Gerais - 17 do sexo masculino, 32 do sexo feminino e um não informado - com idades variando entre 16 e 19 anos, concentrando-se em 17 - 70% dos informantes. Além disso, sempre que possível e necessário, recorro a outros dados, que revelam hábitos relativos às práticas de leitura e de produção de textos desses estudantes, como complementares aos aspectos analisados.[1]

Letramento e representações da escrita

O letramento, entendido como prática social (ou conjunto de práticas sociais, conforme Kleiman, 1995),[2] fortemente e estreitamente ligada aos usos que se faz da escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, assim como aos valores que a ela são atribuídos, deve ser concebido também como processo, e tornou-se, nos dizeres de Marcuschi (2001: 17), um bem social, manifestado por meio da escrita, indispensável à própria sobrevivência no mundo moderno. O *status* da escrita, desse modo, foi elevado a um nível alto, "chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder". Daí, por exemplo, a importância de se investigarem como os impactos de tais práticas incidem sobre o sujeito e sobre seus processos de socialização/inserção social e, conseqüentemente, sobre o papel que a escola ocupa nesse lugar (Cf. Mantencio, 1994) e sobre as representações sociais[3] que aí vão sendo construídas sobre o que seja ler e escrever em dada sociedade. Com efeito, a escrita, entendida como prática social construída historicamente, implica a ativação, muitas vezes conflituosa, de saberes e de representações que visam à (re)produção de sentidos.

Na escola, e esse é *locus* que me interessa mais de perto aqui, o problema do ensino-aprendizagem da escrita, geralmente centrado na questão do fracasso escolar, toma conta das discussões. Se, por um lado, é ela a responsável, em grande medida, pela inserção dos alunos no mundo da escrita, por outro, é nela, também - dentre outros ambientes e instituições - que se constroem e se cristalizam representações sociais em torno do que seja a importância de ler e de escrever. Embora haja a convicção da multifacetada importância da escrita, tanto na ordem da recepção quanto da produção, para o convívio social, desde suas mais simples manifestações aos mais complexos meandros em que se insere, é comum reduzir seu estatuto a atividades que privilegiam a produção ou recepção de textos legitimados como merecedores de serem lidos ou escritos; "assim, o autor não está muito distante, nem a leitura do livro, que não é qualquer um" (Dabène, 2002: 15).

Conseqüentemente, há uma tendência do aluno, sujeito desta reflexão, em atribuir importância demasiada à escrita enquanto artefato de manifestações artísticas. Todos os 50 informantes, embora tendam a explicitar mais detidamente sua relação com a escrita a partir da recepção, reconhecem a importância da escrita em suas vidas: *A leitura é muito importante na minha vida; A leitura sempre foi de suma importância na vida; A leitura é algo indispensável na vida de um homem!*; dizem eles.

Apesar disso, tendem a relacioná-la ao prazer estético, à obra de arte, ao "belo uso", enfim. O trecho a seguir, extraído do *corpus* analisado, exemplifica bem essa constatação:

(1)	Embora não leia muitos livros acho muito importante a leitura, mesmo que seja de jornais e revistas ou artigos.
-----	---

O uso de "mesmo" para introduzir a afirmação sobre a relevância de ler jornais e revistas indica que o informante parece atribuir uma importância tamanha aos livros, acreditando que ler jornais e revistas seja uma atividade menor, isto é, de menor prestígio. Parece haver aí uma confusão, a meu ver, construída nas representações do senso comum, que associam escritura e literatura, inscrevendo-se num paradigma em que se aproximam escrita, escritura, belo uso, estilo, norma, correção, prazer estético, obra de arte, etc. (Cf. Dabène, 1998, 2002).

O livro, nesse sentido, acaba tomando um espaço preponderante dentre as várias manifestações da escrita que circundam as práticas sociais. A leitura, conseqüentemente, tende a ser vista sob o viés desse artefato e de seu estatuto de importância e de supremacia entre as outras formas de uso da escrita como, por exemplo, os jornais e as revistas - Cf. Exemplo (1). Ler, desse modo, passa a ser uma atividade cujas representações se limitam à leitura de livros; ler significa, nas representações dos alunos, *ler um livro*. De acordo com Dabène (1998), essas representações relativas à "ordem do escritural" estão normalmente relacionadas àquelas já construídas pelos atores sociais, a começar pelos pais dos alunos:

(2)	A leitura é muito importante. Desde nova meus pais falam que a leitura é essencial e já tem uns dois anos direto que sempre estou lendo um livro.
-----	---

É importante destacar que 66% dos alunos entrevistados afirmam que leem até 5 livros por ano além dos escolares, mas, de fato, demonstram ler com mais frequência os de literatura. Resultado semelhante obteve pesquisa virtual realizada pela Associação de Leitura do Brasil (ALB), de julho a setembro de 2008,[4] em que 47% dos entrevistados declararam ler até 6 livros de literatura por ano.

Conforme se pode observar na Tabela 1, a seguir, a maioria dos alunos entrevistados para este estudo, dos que leem regularmente outros livros além dos escolares, 76% declaram preferir as obras literárias.

Tabela 1: Práticas de leitura I

Hábitos	Nenhum	No máximo 2	Entre 3 e 5	Entre 6 e 8	Mais de 8	Não respondeu
---------	--------	-------------	-------------	-------------	-----------	---------------

	Frequência						
	Tipo	Obras literárias	Livros técnicos	Livros de auto-ajuda	Outros	-	-
Livros além dos escolares	09 (18%)	16 (32%)	17 (34%)	04 (8%)	04 (8%)	-	-
Tipo de livro	38 (76%)	03 (6%)	06 (12%)	01 (2%)	-	03 (6%)	-

Fonte: Levantamento realizado pelo autor (Essa tabela só pode ser lida corretamente se apresentada conforme se vê no Anexo 1)

Se, por um lado, fica evidente que os sujeitos-informantes leem poucos livros, além dos escolares, que não sejam os de literatura (apenas 20% dos informantes), por outro, é necessário ter em conta que eles demonstram hábitos que não se reduzem à literatura, conforme os dados da Tabela 2, a seguir, sobre a frequência de leitura de jornais e revistas.

Tabela 2: Práticas de leitura II

Hábitos/Frequência	Diariamente	Algumas vezes por semana	Somente aos domingos	Raramente	Nunca	Não respondeu
Leitura de jornais	06 (12%)	17 (34%)	04 (8%)	22 (44%)	01 (2%)	-

Leitura de revistas	06 (12%)	20 (40%)	21 (42%)	01 (2%)	-	03 (6%)

Fonte: Levantamento realizado pelo autor

Se, por um lado, também, esses dados conduzem a um entendimento de que os sujeitos da pesquisa, pelo menos em sua maioria, além da leitura de obras literárias, costumam ler jornais e revistas (aproximadamente a metade deles lê jornais e revistas diariamente ou algumas vezes por semana), por outro, suas concepções a respeito da importância da leitura em suas vidas giram em torno de uma ideia de leitura ligada à obra literária, em uma tendência a atribuir importância demasiada à escrita enquanto artefato unidirecionado de manifestações artísticas ou literárias em detrimento das múltiplas atividades cotidianas que envolvem o uso da escrita.

Trata-se, portanto, de importante expediente de pesquisa, já que os dados aqui apresentados demonstram haver uma certa contradição (ou, pelo menos, não coincidência) entre as práticas e as representações dos alunos. Daí uma pertinente pergunta quando o que está em pauta são exatamente as práticas e as representações sobre leitura e escritura: O que, de fato, faz com que haja essa contradição? Ou melhor: De que modo o trabalho com essas representações pode contribuir para o desenvolvimento de competências no campo da escrita?

Ora, não é demais argumentar que as representações que se constroem em torno do que seja o ato de ler e de escrever interferem decisivamente nos modos como o ler e o escrever se desenvolvem nas práticas e que, portanto, são importantes vias de entrada para o entendimento do problema. Consequentemente, embora aparentemente simples, o estudo das representações pode trazer descobertas significativas e pertinentes para o ensino e aprendizagem da escrita, tal como defendem, por exemplo, Dabène (1998, 2002) e Barre-de-Miniac (2003).

Representações como elemento constitutivo de competências

Seja a partir de um olhar cognitivista, seja por um viés sociointeracionista como o que aqui se assume, a questão posta demanda uma reflexão que encara as representações como um elemento constitutivo de competências no domínio da escrita, seja na leitura, seja na produção de textos. É nessa perspectiva, de

natureza didática, que se inscrevem discussões, como as de Dabène (1995), acerca do papel das representações nas práticas escolares de ensino-aprendizagem da escrita. Sendo a escrita objeto de ensino-aprendizagem, pode-se afirmar que as relações que se estabelecem entre o professor, o aluno e esse objeto em situações didáticas certamente têm como parte de seus componentes, de um lado, as práticas e representações sociais a respeito da escrita e, de outro, a práticas de escritura no meio escolar. Assim considerando, trata-se de relevante expediente metodológico entender as representações sociais como desempenhando importante papel no desenvolvimento de competências de leitura e de escritura como atividades linguageiras específicas.

Inseridos em investigações da Psicologia Social, os estudos sobre representações sociais encontram substância principalmente em Moscovici (2003). Para o autor, a noção de representações sociais resume-se a um sistema de crenças e valores que possui uma dupla função: estabelece uma ordem que permite aos membros de uma comunidade orientar-se em seu mundo material e social a fim de controlá-lo; possibilita que a comunicação seja possível entre os membros dessa comunidade, através de aspectos de seu mundo e sua história individual e social.

Nesse aspecto, no entanto, Matencio (2007, p. 05) atenta para o fato de que parece haver um equívoco do autor, já que tais funções seriam, na verdade, as funções da linguagem:

Afinal, desdobrando-se o que diz o autor e relacionando as funções das RS às da linguagem - capacidade simbólica do sujeito -, tem-se que: (i) a linguagem *estabelece uma ordem que possibilitará ao sujeito orientar-se no mundo material e social e controlar esse mundo*; (ii) a linguagem *possibilita a comunicação entre um grupo, permitindo a classificação e nomeação de objetos, seres, sentimentos, etc.* (grifos da autora)

A meu ver, esse parece ser um ponto fundamental, já que alimenta um cotejo desejado para esta reflexão. Trata-se, na verdade, de uma interseção merecedora de atenção, na medida em que, para que tais funções da linguagem se efetivem, entra em jogo um importante papel desempenhado pelas representações sociais. Ou seja, esse ponto prevê a defesa de que uma abordagem sobre o desenvolvimento de competências no campo da escrita deve levar em consideração as representações construídas pelos alunos sobre/nas práticas de uso da escrita, o que, de fato, tem consequências relevantes no processo ensino-aprendizagem. [5]

Embora vinculadas à prática social, é no plano individual que as representações se manifestam, mediadas pela linguagem, tomada como forma de construção de conhecimento e de interação social, que conduzem a uma determinada forma de conceber a realidade. Essencialmente, desse modo, assumo as representações como fenômenos sociais [6] que, embora acessadas a partir de atividades cognitivas, precisam ser entendidas tendo em vista seu contexto de produção, como modalidades de conhecimento prático orientadas para a compreensão do contexto social e material em que vivemos, como forma de conhecimento da realidade.

As representações sociais, desse modo, referem-se a valores, crenças, conceitos implicados na construção e interpretação da realidade, o que, a meu ver, só pode ser considerado no interior de um quadro referencial em que (e sobre o qual) atuam os sujeitos em suas atividades comunicativas, inseridas aí as atividades de leitura e de produção de textos.

Ora, assim pensando, as representações sociais são um dispositivo importante no desenvolvimento de competências de escritura e de leitura, já que engendram possibilidades de produção de sentido a partir do quadro de referências pertinente à situação em que se encontra o sujeito em suas práticas sociais de uso da linguagem. Ou seja, em outras palavras, as representações interferem decisivamente nos modos de inserção e de socialização no mundo dito letrado. Ou ainda: podem ser entendidas como um importante componente de ensino e de aprendizagem que, a meu ver, situa-se num fluido liame entre as práticas escolares e as práticas sociais que envolvem o uso da escrita.

1. Considerações finais

No desenvolvimento desta reflexão, procurei demonstrar, exemplificar e analisar alguns aspectos importantes relativamente às práticas e às representações que circundam o olhar do aluno de ensino médio acerca das atividades de escrita, seja no âmbito da recepção, seja no da produção. Desse modo, concomitantemente, assumi o letramento como prática social estreitamente relacionada aos usos da escrita e aos valores que a ela são atribuídos.

Nesse quadro, defendo a importância de se pensarem as representações como elemento constitutivo de competências que merece atenção quando o problema é o ensino-aprendizagem da escrita, tendo em vista o significativo papel que elas desempenham como modalidades de conhecimento prático orientadas para a compreensão da realidade.

Trata-se aí de um campo de pesquisa pouco desenvolvido, mas que poderia trazer contribuições pertinentes à elaboração de propostas de ensino e aprendizagem da escrita que se preocupem em considerar as representações como fazendo parte das competências de linguagem.

Referências

BARRÉ-DE MINAC, Christine. Savoir lire et écrire dans une société donnée. Publications Linguistiques, **Revue Française de Linguistique Appliquée**, 2003/1 - Volume VIII, ISSN 1386-1204, p. 107-120.

DABÈNE, Michel. La place des représentations, des pratiques sociales et d'une théorie de l'écrit dans un modèle de l'enseignement-apprentissage de l'écriture. In: BOYER, Y. (éd). **La production de textes, vers un enseignement de l'écriture**. Montreal: Éditions logiques, 1995.

DABÈNE, Michel. **L'enseignement-apprentissage de l'écrit entre représentations et pratiques sociales**. Conférence prononcée lors de l'ouverture du IVème Colloque de l'Association Internationale pour le développement de la recherche en didactique du français langue maternelle. Genève: 1998. [1989]

DABÈNE, Michel. Letramento, práticas e representações da escrita. **Revista Scripta**. v. 6 (11). Belo Horizonte: PUC Minas, 2002, p. 13-22.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência**. São Paulo: PUC/SP, 2004. (Digitalizado)

KLEIMAN, A. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1994.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Letramento, competência comunicativa e representações da escrita. **Revista da FAEEBA: Educação & Contemporaneidade**, n. 21. Salvador: UNEB, 2004. p. 23-34. (Digitalizado)

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Atividades de referência no processo de produção textual e o ensino de língua**. I Encontro Nacional do Gelco, Campo Grande, 10 a 13 de outubro de 2001. (Digitalizado)

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho & JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em representações sociais**. 3. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007 [2003].

STREET, Brian. What´s "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. In: **Current issues in comparative education**, vol. 5 (2). Columbia University: Teachers College/Columbia University. 2003. p. 77-91. (Digitalizado)

[1] Os dados que são objeto de análise neste texto foram coletados por meio de um questionário sócio-econômico-cultural, adaptado e expandido a partir daquele utilizado no Grupo de Pesquisa Leitura, Produção de Texto e Construção do

Conhecimento (LePTeCCo), coordenado pela Prof. Dra. Maria de Lourdes Meirelles Matencio, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, e com alguma inspiração no do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

[2] Street (2003) distingue entre práticas de letramento e eventos de letramento, caracterizando estes como qualquer ocasião na qual um "pedaço" de escrita seja essencial à natureza das interações dos participantes e de seus processos interpretativos e aqueles, como não apenas operando com os eventos, mas ligando-os a algo mais amplo do tipo cultural e social.

[3] A noção de representações sociais tomada aqui equivale àquela advinda da Psicologia Social (MINAYO, 1995; MOSCOVICI, 2003; FRANCO, 2004, entre outros).

[4] www.alb.com.br/cenarios

[5] Segundo Kleiman e Matencio (2005), a interdisciplinaridade é uma característica marcante da pesquisa acadêmica em Linguística Aplicada, que investiga realidades sociais cada vez mais complexas.

[6] Moscovici (2002) adverte que, embora seja relativamente fácil captar a realidade das representações sociais, o mesmo não acontece com seu conceito. Desse modo, é melhor tratá-las como fenômeno.

Tabela 1: Práticas de leitura I

Hábitos	Frequência	Nenhum	No máximo 2	Entre 3 e 5	Entre 6 e 8	Mais de 8	Não respondeu
	Tipo	Obras literárias	Livros técnicos	Livros de auto-ajuda	Outros	—	—
Livros além dos escolares		09 (18%)	16 (32%)	17 (34%)	04 (8%)	04 (8%)	—
Tipo de livro		38 (76%)	03 (6%)	06 (12%)	01 (2%)	—	03 (6%)